

## EMBATES IDEOLÓGICOS EM ENUNCIADOS DO ESPETÁCULO *SOM E LUZ* REALIZADO NO SÍTIO ARQUEOLÓGICO SÃO MIGUEL ARCANJO

### IDEOLOGICAL CLASHES IN STATEMENTS FROM THE *SOUND AND LIGHT* SHOW, HELD ON THE ARCHAEOLOGICAL SITE SÃO MIGUEL ARCANJO

Ana Beatriz Ferreira Dias<sup>42</sup>  
Diana Juciéli Ribeiro<sup>43</sup>

**RESUMO:** O objetivo deste trabalho consiste em compreender como se dão conflitos ideológicos construídos em enunciados que compõem o espetáculo *Som e Luz* realizado há mais de 30 anos, no município de São Miguel das Missões (RS – Brasil). A atração acontece junto ao Sítio Arqueológico São Miguel Arcanjo, monumento histórico designado como Patrimônio Cultural da Humanidade. Ao longo do espetáculo, destaca-se a tensão ideológica entre dois grupos: um, composto por índios e padres jesuítas, e outro por portugueses e espanhóis interessados pela troca do território dos Sete Povos das Missões pela Colônia do Sacramento. Selecionamos, para fins de análise, interações entre esses grupos, observando concepções construídas em torno do “trabalho” e da “terra”. Fundamentamos nossa leitura nas orientações teóricas e metodológicas elaboradas pelo Círculo de Bakhtin e de estudiosos que contemporaneamente vêm desenvolvendo essa perspectiva. Com este estudo, notamos que os embates ideológicos materializam diferentes, antagônicas e até irreconciliáveis visões de mundo que apontam para a construção de identidades sociais fixas e bem delimitadas. Para portugueses e espanhóis, o trabalho e a terra são realidades que parecem remeter a meios que, dominados, possibilitam lucros e poder. Já para os jesuítas e índios, esses mesmos conteúdos objetivos são revestidos unicamente de afetuosidade e honradez. As estratégias discursivas empregadas buscam silenciar tanto as possíveis relações dialógicas que constituem os grupos quanto aspectos das determinações sócio-históricas imbricadas no jogo social.

**PALAVRAS-CHAVE:** Palavra. Signo. Embates ideológicos.

**ABSTRACT:**The aim of this work is to understand how the ideological conflicts built in statements that make up the show "*Sound and Light*" happen; the show has been held for more than 30 years, in the city of São Miguel das Missões (RS-Brazil). The feature happens near the archaeological site São Miguel Arcanjo, a Humanity's cultural heritage historic monument. Throughout the show, the ideological tension between two groups is highlighted: one consisting of Indians and Jesuit priests, and another consisting of Spanish and Portuguese interested in exchanging the territory of Sete Povos das Missões by the Colônia do Sacramento. We have selected interactions between these groups for this analysis, noting conceptions built around "work" and "land". We base our reading in the theoretical and methodological guidelines drafted by the Bakhtin Circle and by scholars who have been developing this perspective. With this study, we note that the ideological clashes materialize different, antagonistic and even irreconcilable world views that point to the construction of fixed and well defined social identities. For the Spanish and Portuguese people, work and land are realities that seem to refer to means that, when dominated, enable profits and power. For the Jesuits and Indians, on the other hand, those same objectives content are solely covered of affection and honesty. The discursive strategies employed seek to silence both the possible dialogical relations that make up the groups and the aspects of socio-historical determinations interwoven in the social game.

**KEYWORDS:** Word. Sign. Ideological clashes.

---

<sup>42</sup>Professora no Curso de Graduação em Letras: Português e Espanhol – Licenciatura, da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), *Campus* Cerro Largo, Rio Grande do Sul, Brasil. Doutora em Linguística, pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Endereço eletrônico: ana.bdias@hotmail.com

<sup>43</sup>Professora na Escola Municipal de Ensino Fundamental Vendelino Waldemar Rauber, em Tuparendi, Rio Grande do Sul, Brasil. Graduada em Letras: Português e Espanhol – Licenciatura, pela Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), *Campus* Cerro Largo (RS). Endereço eletrônico: dianajribeiro@hotmail.com

## 1 Introdução

Na região noroeste do Rio Grande do Sul (RS), trechos da história da humanidade podem ser lidos nas mais diversas materialidades. Isso fica evidente ao nos reportarmos aos remanescentes arquitetônicos do antigo povoado jesuítico guarani de São Miguel localizados na cidade de São Miguel das Missões (RS – Brasil), conhecidos popularmente como “Ruínas de São Miguel”. As ruínas foram tombadas como Patrimônio Mundial pela UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura), no ano de 1983, e são parte da história não apenas regional e nacional, mas também mundial por remeterem, sobretudo, ao que viveram índios guaranis e padres jesuítas que habitaram tanto São Miguel quanto outros seis povoados missionários instalados no sul do Brasil, entre os anos de 1682 e 1706, aproximadamente.

Um dos atrativos turísticos da Região Missioneira é o espetáculo *Som e Luz*<sup>44</sup>, que é apresentado diariamente ao anoitecer, em São Miguel das Missões, uma cidade com 7.754 habitantes, conforme estimativa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2017). A atração, que tem a duração aproximada de uma hora, é prenhe de significações. Jogos de luzes e diálogos entre personagens que, de alguma maneira, fizeram parte da guerra guaraníca são oferecidos ao público como signos a serem revestidos de sentidos e valorações.

No presente trabalho, abordamos algumas dessas enunciações expressas no espetáculo como caminho para compreender como se dão encontros de palavras que materializam ideologias. Para melhor apresentar a delimitação deste estudo, cabe contextualizar aspectos deste *Som e Luz*.

Caracterizadas, na narrativa, como personagens sábias e testemunhas da história, a “Terra”, e a “Ruína” (outrora a Catedral) iniciam os diálogos no espetáculo. A partir da iniciativa da Ruína, a voz da Terra, caracterizada como “mãe do *gentio guarani*” convence-se de que é, então, importante narrarem aos visitantes (os espectadores do evento) a história ocorrida no século XVIII, pois, desse modo, estariam desvelando modos de vida tradicionalmente silenciadas, filiando-se a ideologias contra-hegemônicas sobre a guerra guaraníca.

A partir daí, o desdobramento do espetáculo se dá com a incursão de outras tantas vozes, que constroem, em seus enunciados, diferentes visões sobre os acontecimentos. Além da Terra (palco de todos os acontecimentos) e da Catedral (Ruína), os seguintes personagens são centrais: Padre Antônio Sepp (fundador do povoado), Giovanni Primoli (construtor da Catedral), Giusepe Brasanelli (escultor), Marquês de Valdelírios (representante do Rei Espanhol), Gomes Freire de Andrade (General Português), Joaquim José Viana (Governador de Montevidéu) e Sepé Tiaraju (o índio líder dos guaranis).

Observamos que, ao longo do espetáculo, destaca-se uma tensão ideológica entre dois grupos: um, composto principalmente por índios e padres, e outro composto por portugueses e espanhóis que estavam articulando a troca do território dos Sete Povos das Missões pela Colônia do Sacramento, propriedade portuguesa até então. Para melhor nos referirmos a esses dois grupos, também os designamos como missionários, de um lado, e coroa espanhola e portuguesa, de outro.

---

<sup>44</sup>O espetáculo *Som e Luz* foi criado em 1978, por iniciativa do Governo do Estado do Rio Grande do Sul e, então, repassado para o município de São Miguel das Missões (RS). Recentemente, em 2016, o espetáculo passou por uma requalificação na qualidade de som e luz, porém mantendo o texto original, que conta com vozes de Lima Duarte, Fernanda Montenegro, Paulo Gracindo, Juca de Oliveira, Rolando Boltrin e Armando Bógus. Além de ser apresentado em português, também conta com apresentações em língua inglesa e espanhola.

Com o objetivo de compreender aspectos do embate entre esses grupos, realizamos, com este estudo, análise de enunciados que compõem o espetáculo *Som e Luz*, centrando nossa leitura nas seguintes palavras, entendidas como signos ideológicos: “terra” e “trabalho”. Uma vez que a guerra estabelecida nos povoados dos Sete Povos das Missões se deu, em grande medida, em função da relação do homem com a terra, desde a necessidade de defendê-la até dela se apropriar por questões econômicas, buscamos entender quais as visões construídas discursivamente no espetáculo acerca dessa terra. Também buscamos identificar concepções de trabalho desenvolvido nessa terra no que diz respeito principalmente às práticas indígenas no povoado.

Para realizar este estudo, fundamentamos nossa leitura em orientações teóricas e metodológicas formuladas pelo Círculo de Bakhtin, inserindo nossa pesquisa nos estudos bakhtinianos. Mobilizando tais pressupostos teóricos e metodológicos, compreendemos as manifestações culturais (como o espetáculo *Som e Luz*) em sua relação estreita e necessária com a vida, como sugerem estudiosos que articulam a perspectiva bakhtiniana com as artes.

Cabe destacarmos que, no Brasil, encontramos uma série de pesquisas que vêm alargando a compreensão da arte pela leitura que fazem dos estudos bakhtinianos. Com ampla produção na área, especialmente do teatro, o professor pesquisador Jean Carlos Gonçalves (2016, p. 09-10) entende que os estudos bakhtinianos são uma valiosa “ancoragem científica prontamente disposta a contribuir significativamente para reflexões a respeito de variados temas”, de tal modo que essa potência já representa, na sua visão, um convite para que professores e pesquisadores continuem investindo “na produção de conhecimento a partir de uma incessante e curiosa alquimia de textos e matizes”.

Em relação ao foco de análise adotado neste trabalho, a unidade de análise foi a palavra enquanto signo ideológico, de modo que as compreensões se pautaram na observação da seleção lexical e na disposição das palavras para buscar encontrar as ideologias que circulam nas vozes de personagens do espetáculo. Quanto ao acesso ao espetáculo, é importante destacar que, além de o assistirmos, contamos com o texto verbal cedido a nós pela Secretaria de Turismo do município. Para auxiliar na transcrição, utilizamos também um vídeo do espetáculo que está disponível na plataforma de vídeos online *Youtube*<sup>45</sup>.

Dando início a compreensão das enunciações, apresentamos, a seguir, uma breve contextualização de temas abordados no espetáculo. Neste próximo momento do trabalho, cotejamos o texto do *Som e Luz* com perspectivas da área de história como parte da compreensão dos elementos extraverbiais dos enunciados. Depois disso, no item 3, realizamos análises de enunciados concretos, desdobrando a leitura em duas partes: uma referente ao signo ideológico “terra” e a outra ao “trabalho”.

## 2 Espetáculo *Som e Luz*: breve contextualização

Como todo e qualquer enunciado, o espetáculo *Som e Luz* não é um todo por si cujo sentido é meramente complementado, como informação acessória, pelo conhecimento do leitor de elementos sócio-históricos: a situação não complementa, mas sim se integra ao enunciado como uma parte constitutiva e essencial que determina a estrutura da enunciação. Como afirma Volochínov (2013, p. 77), um dos integrantes do Círculo de Bakhtin, a palavra e a vida são indissociáveis uma da outra, afinal a palavra “surge da situação extraverbal da vida e conserva com ela o vínculo mais estreito. E mais, a vida completa diretamente a palavra, que não pode ser separada da vida sem que perca seu sentido”.

---

<sup>45</sup>Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=zIBZuDN9oIQ>>. Acesso em 04 abr. 2016.

Para o Círculo de Bakhtin, portanto, todo enunciado concreto, real e vivo é composto não apenas pela parte objetiva e material, como os recursos expressivos da língua, mas igualmente por uma parte subentendida, presumida, que é a situação extraverbal da enunciação. Em seu estudo acerca da concretude do enunciado, Souza (2002) afirma que toda a investigação dos elementos verbais do enunciado deve estar relacionada com o contexto extraverbal, pois o horizonte social é que organiza a forma da enunciação, que abarca escolha da palavra e a sua disposição.

Considerando a palavra como materialidade discursiva selecionada para fins de análise neste trabalho, é importante destacar que o conteúdo extraverbal em torno do qual se dá a enunciação no *Som e Luz* recai em períodos do século XV em que Jesuítas habitaram o sul do Brasil. Conhecer aspectos sócio-históricos de acontecimentos recriados no espetáculo é uma maneira de buscar uma compreensão mais aprofundada nos enunciados, afinal, entender um texto é conhecer seus contextos, colocando-o, então, em relação com outros enunciados. É buscar a parte constitutiva do enunciado que se refere a seus elementos extraverbais, escutando as valorações sociais dessas realidades objetivas. É uma maneira de exercitar o cotejamento como prática imprescindível na leitura, pois, como afirma Geraldi (2012, p. 33), “dar contextos a um texto é cotejá-lo com outros textos, recuperando parcialmente a cadeia infinita de enunciados que o texto responde, a que se contrapõe, com quem concorda, com quem polemiza”.

Diante disso tudo, interessa-nos entender elementos do contexto sócio-histórico que adentra o texto (aqui também entendido como enunciado) do *Som e Luz*. As compreensões que apresentamos neste artigo assentam-se no reconhecimento de que o texto reflete e refrata o contexto, valorando-o com posições sociais ideologicamente orientadas para o outro. Isso quer dizer que o texto não só reflete, mas também refrata a realidade. Como afirmam Bakhtin/Volochínov (2009, p. 32), o texto pode distorcer a realidade, “ser-lhe fiel, ou apreendê-la de um ponto de vista específico, etc. Todo signo está sujeito aos critérios de avaliação ideológica (isto é, se é verdadeiro, falso, correto, justificado, bom, etc.)”. Não há, portanto, neutralidade ao rememorar acontecimentos devido a valoração sempre construída no texto.

Por isso, entendemos que o espetáculo retoma acontecimentos do mundo da vida ao refletir pontos de vista valorados sobre a realidade e, deste modo, reconstrói verdades, com a finalidade principal de levar os espectadores do *Som e Luz* a se identificarem com certas identidades de grupos sociais. Desse modo, podemos afirmar que a leitura de fatos passados é orientada, dentre outros fatores, ao futuro, com vistas ao que desejam que o espectador formule sobre os fatos. Como afirma Geraldi (2010a, p. 109) “é do futuro que tiramos os valores com que qualificamos a ação do presente e com que estamos sempre revisitando e recompreendendo o passado”.

Para conhecermos a história das Missões Jesuíticas, devemos inicialmente saber que ela está estreitamente relacionada ao período em que Portugal e Espanha lançaram-se nas grandes navegações e, com isso, ao domínio do território e dos aborígenes. A igreja, com seus ideais missionários, não estava apartada deste projeto. Era parte dele, de algum modo. Conforme Signes (2011), o Estado e a Igreja faziam parte da mesma engrenagem que buscava ocupar partes do território americano e conquistar mais adeptos ao catolicismo em prol de uma certa dominação atrelada à domesticação e obediência:

No princípio da expansão colonizadora das Américas existiam duas instituições - o Estado e a Igreja - [que] estavam responsáveis por organizar o domínio nas colônias locais. A função destas inicialmente estava dividida da seguinte maneira: o Estado tinha consigo a função de administrar e desenvolver uma política de povoamento; enquanto a Igreja tinha a função de “controle das almas”, cujo objetivo era pregar a obediência ao Estado (SIGNES, 2011, p. 01).

Os padres que vieram para o “novo mundo” faziam parte da Companhia de Jesus, fundada por Inácio de Loiola, em 1640. Fagundes (1998, p. 28-32) afirma que os padres jesuítas, como eram conhecidos os membros da ordem fundada por Loiola, possuíam uma formação paramilitar, ou seja, além de se especializarem nos assuntos religiosos, culturais e educacionais, eram preparados para terem resistência física e coragem, encarando qualquer dificuldade que pudesse surgir, trabalhando sempre “para a glória maior de Deus” (lema da congregação).

A professora e historiadora Pesavento (1994) propõe que a ação dos missionários, no Rio Grande do Sul, teve dois momentos distintos. O primeiro, Período Reduicional, ocorreu entre os anos de 1626 e 1640 aproximadamente, quando os jesuítas fugiam da ação dos bandeirantes paulistas que viam nos índios aldeados nas reduções do Paraguai mão de obra adestrada e obediente para o trabalho (já que os índios haviam sido educados pelos padres). Os padres, vindos da região de Itatins e Guairá (atual Paraguai), estabeleceram-se, em 1626, no território gaúcho, construindo reduções que, no conjunto, receberam o nome de Reduções do Tape, segundo a pesquisadora (Ibid.).

Até 1640, jesuítas e índios aldeados resistiram à ação dos bandeirantes que os perseguiram mesmo depois da mudança de território. Após diversas investidas e muitos índios serem levados para trabalhar como escravos, padres e índios deixaram o território rio-grandense e partiram para a Argentina, retornando apenas em 1682, quando inauguraram um novo período. É nesse segundo ciclo, que ficou conhecido como Período Missioneiro, que são fundados os Sete Povos das Missões (RS). É justamente esse período da história que o espetáculo *Som e Luz* reconstrói de tal modo que reflete tais acontecimentos, refratando, por meio de seus enunciados, outras tantas realidades.

Conforme Pesavento (1994), os jesuítas organizaram, nos Sete Povos, criação de gado de corte em estâncias, de onde usaram a carne e extraíam o couro que era vendido em Buenos Aires. Além disso, a produção de erva-mate revelou-se muito lucrativa e passou a ser explorada pelos jesuítas. Outros trabalhos artesanais na área da metalurgia, da fiação, da tecelagem, entre outros, também rendiam proveito financeiro. O trabalho como prática social ligada a questões econômicas contribuiu para que os Sete Povos das Missões se descentralizasse, em alguma medida, da Europa, representando um eminente centro de poder:

Criando unidades economicamente desenvolvidas, praticamente autônomas, exportando para a Europa, enviando tributos ao Geral da Companhia, em Rosa, com influência política dentro dos Estados Católicos da Europa, a Companhia de Jesus tornou-se pouco a pouco uma ameaça. Generalizou-se o boato de que a ordem jesuítica se constituía num “Estado dentro do Estado” e que os padres estariam com intenção de fundar um “Império Teocrático na América” (PASAVENTO, 1994, p. 12).

Diante disso, Portugal e Espanha, na intenção de manter o domínio na região, assinam o Tratado de Madrid, em 1750. O acordo estipulava que espanhóis receberiam a Colônia do Sacramento se entregassem aos portugueses as terras onde estavam localizados os Sete Povos das Missões. Frente a recusa dos índios e jesuítas em abandonarem as terras e tudo o que nelas haviam construído, iniciaram os confrontos que fizeram parte da chamada Guerra Guaranítica, que durou de 1754 a 1756 (PESAVENTO, 1994).

No espetáculo *Som e Luz*, a Terra e a Catedral, que se apresentam como testemunhas de que ocorreu durante o período em que índios e padres habitaram o espaço da Redução de São Miguel Arcanjo, possuem voz e a utilizam para contar, com o auxílio de personagens que viveram os dias de glória e decadência dos Sete Povos, como se desenhou a história e como era São Miguel antes da assinatura do Tratado de Madrid e da Guerra Guaranítica.

A partir disso tudo, propomos a seguinte questão, que buscamos responder no próximo item deste trabalho: quais são e como se materializam as visões de mundo construídas discursivamente no espetáculo *Som e Luz* a respeito dos padres jesuítas, dos índios e das coroas portuguesas e espanholas no que diz respeito à relação com a terra e à prática do trabalho? Mais especificamente: padres jesuítas estariam ou não à serviço dos interesses econômicos das coroas européias, como afirmam historiadores? E como é retratada a força de trabalho dos indígenas na construção e manutenção da redução de São Miguel das Missões? E como soldados são entendidos em suas práticas de trabalho? Para fundamentar a formulação de sentidos em torno dessas questões, iniciamos com reflexões acerca da relação entre signo e ideologia.

### 3 Signo e ideologia: a palavra como arena ideológica

Bakhtin/Volochínov (2009), na obra *Marxismo e a Filosofia da Linguagem*, defendem tudo o que é ideológico é um signo, tanto que consideram que sem signos não existe ideologia. Ou seja, ideologias são materializadas por meio de signos. Estes, por sua vez, são sempre ideológicos. Conforme essa perspectiva, o signo ideológico possui uma forma material, o que faz com que a realidade do signo seja objetiva e possa ser estudada metodologicamente, afinal os signos tem encarnação como som, cor, movimento, disposição das palavras, entre outros.

Para identificar ideologias presentes em enunciados do espetáculo *Som e Luz*, focamos a análise na palavra enquanto signo ideológico, afinal essa materialidade é aquela que, dentre os signos, melhor aponta para ideologias, como afirmam os pensadores:

A palavra é um fenômeno ideológico por excelência. A realidade toda da palavra é absorvida por sua função de signo. [...] A palavra é o modo mais puro e sensível de relação social. [...] É, precisamente, na palavra, que melhor se revelam as formas básicas, as formas ideológicas gerais da comunicação semiótica (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2009, p. 36-37).

Nesse sentido, ao analisar as palavras, é possível estabelecer hipóteses a respeito das ideologias presentes em textos. Uma vez que nos ocupamos de estudar as ideologias materializadas na palavra enquanto um signo ideológico, sem focalizarmos unicamente em dimensões teóricas, cabe explorarmos ainda mais o conceito de ideologia para melhor apresentar as análises que seguem adiante.

A partir da teoria do Círculo de Bakhtin, entendemos que ideologia consiste em visão de mundo, valoração, posição social, e está diretamente relacionada à formação social dos sujeitos. Com base nesta mesma corrente teórico-metodológica dos estudos bakhtinianos, Fiorin (2003) esclarece que ideologia é o conjunto de ideias e valores que justificam e explicam a ordem social, as condições de vida do homem e as relações que ele mantém com os outros.

Em *A construção da enunciação e outros ensaios* (2013), um dos mais recentes escritos do Círculo traduzidos para o português, podemos observar que Volochínov entende a ideologia enquanto em um sistema de ideias, de concepções, de opiniões, de avaliações de determinado grupo social que assume um papel decisivo para a construção de todo e qualquer enunciado, seja ele interior (na mente do sujeito), seja exterior. Tendo isso em vista, o linguista desenvolve, em pormenores, as características da palavra enquanto o signo ideológico por excelência, tópico que aparece em vários escritos do Círculo, como em *Marxismo e filosofia da linguagem*.

As palavras, em seus contextos de uso, não são neutras. De acordo com o Círculo de Bakhtin, elas vêm carregadas de ideologias e são, dessa forma, a arena de luta entre os

sentidos que nela se materializam e desejam se estabelecer no jogo discursivo. Mesmo que a classe dominante busque “conferir ao signo ideológico um caráter intangível e acima das diferenças de classe, a fim de abafar ou de ocultar luta de índices sociais de valor”, o signo não é monovalente, mas sim dialógico, capaz de sugerir diferentes sentidos em um único signo, afirmam os pensadores (2009, p. 48)

No próximo item deste trabalho, buscamos escutar essa plurivalência social. Para tanto, debatemos concepções de mundo que são construídas nos signos ideológicos “querência” e “terra” para compreendermos como se dá a relação do homem com a terra, no espetáculo *Som e Luz*.

### 3.1 Querência e território: dois cronotopos distintos para definir a relação do homem com a terra

No texto do espetáculo, há um embate ideológico entre dois grupos, como discutimos anteriormente. Um refere-se ao grupo dos missioneiros, como designamos neste trabalho para identificar padres jesuítas e índios. Dentre outras necessidades, esse grupo solicita a permanência nas terras dos Sete Povos das Missões. Outro grupo remete aos colonizadores portugueses e espanhóis que, por assinarem o Tratado de Madrid, determinam que os habitantes dos povoados missioneiros devem deixar as terras.

Para compreender aspectos das relações dialógicas entre os dois grupos, analisamos como eles entendem suas relações com a terra. Neste trabalho, abordamos a terra como um cronotopo. Com base nos estudos bakhtinianos, entendemos como cronotopo uma unidade espaço-tempo concreta e única revestida de valoração social. Vinculada ao sujeito e seus grupos sociais, o cronotopo carrega visões de mundo, ideologias que dizem respeito a maneira como são compreendidas as relações espaço e tempo.

Ainda que esse conceito bakhtiniano tenha sido originalmente produzido pelo Círculo (Bakhtin, 2010) para compreender o texto literário, ele vem sendo uma importante chave de leitura para compreender a vida, em suas mais diversas práticas sociais. Como vários estudiosos da área, consideramos que estudar Bakhtin é reconhecer a infinitude de sentidos que podem emergir de uma leitura ativa e compreensiva que, ao não se reduzir ao texto lido, volta-se à exploração das mais diversas atividades humanas. Como afirma Geraldi (2010b, p. 14), estudar Bakhtin requer, em alguma medida, “coragem de dizer a sua palavra sobre o que estudou para enriquecer com sua resposta” outros tantos dizeres.

Assim, conforme nossa leitura do espetáculo *Som e Luz*, observamos a construção recorrente de dois diferentes cronotopos quanto às relações do homem com a terra. Predomina, para os missioneiros, a ideia de que o território no qual viviam há tanto tempo significava a manutenção do modo de vida. A vida na Colônia precisava ser mantida, de acordo com esse ponto de vista. Havia um certo apego afetivo a terra e a tudo o que nela haviam edificado. Já para os espanhóis e portugueses, que negociaram o território dos Sete Povos em troca da Colônia do Sacramento, a terra da Colônia significava possibilidade de lucros e, em consequência, de poder. Observemos os seguintes enunciados expressos por personagens de um e de outro grupo:

Trecho 1:

*Companheiros!*

*Temos freado o inimigo!*

*É preciso continuar lutando sempre,*

*unidos, defendendo nossa querência,*

*e acima de tudo a nossa vida independente!*

*O pelotão de lanças está pronto?*

(Missioneiros – fala do líder Sepé Tiaraju)

Trecho 2:

*O senhor está subestimando  
o poder de nosso adversário.  
Esquece que nossos soldados  
lutam mais pelo salário,  
ao passo que os Guaranis,  
defendem seus territórios.*

(Colonizadores – argumento apresentado por Joaquim José Viana, governador de Montevideu, em diálogo com Gomes Freire de Andrade, representante da Coroa Portuguesa)

Destacamos primeiramente a seleção lexical que integra o campo semântico de “terra”: Sepé Tiaraju, o líder indígena, emprega a palavra “querência”, enquanto que governador de Montevideu usa a palavra “território”. Cotejando o contexto de enunciação dessas falas com os sentidos já estabelecidos como hegemônicos na sociedade, podemos afirmar que essas duas palavras possuem carga semântica bastante distintas, pois remetem a diferentes práticas e posições sociais, conforme destacamos a seguir.

Com foco no item lexical “querência”, podemos afirmar que, do ponto de vista axiológico dos índios, a terra é valorada positivamente como uma extensão de terra que os abriga. É um lar onde querem permanecer. Uma espécie de força centrípeta que se volta a fixação desses sujeitos nesse espaço. Essa concepção vai ao encontro do conceito expresso no Dicionário de Regionalismo (NUNES, 1996, p. 409), cujo termo “querência” é definido como um “lugar onde alguém nasceu, se criou ou se acostumou a viver e ao qual procura voltar quando dele afastado”. E, se a defendem, não é por vontade de guerrear, mas sim pela necessidade de defendê-la – essa é a visão construída no espetáculo. É fundamental considerar que, quando falamos dos índios, estendemos tais características também aos padres jesuítas, pois, ao longo do espetáculo, eles integram o mesmo grupo social que, unido, está em conflito com as coroas portuguesa e espanhola.

Nesse contexto, os missionários não são um grupo social ativo que ataca o outro: é veiculada a ideia de passividade perante o invasão dos portugueses e espanhóis. Conforme a construção da enunciação, eles lutam com a finalidade de defesa, e não pelo ataque em si, como fica evidente pelo emprego associativo dos verbos no gerúndio, “lutando” e “defendendo”. O tempo da enunciação é, portanto, um presente que coincide com os acontecimentos da guerra guaraníca – uma estratégia discursiva que convida os espectadores a revisitar o passado, para lá se deslocarem.

Ainda quanto ao enunciado primeiro, é interessante observarmos o uso do pronome possessivo de primeira pessoa do plural em “nossa querência<sup>46</sup>”, cujo efeito de sentido remete a horizontalidade entre os sujeitos que habitam o local e ao fortalecimento da identidade entre membros deste grupo social – indígenas e jesuítas que buscam permanecer nas terras, sem cederem, portanto, às pressões dos colonizadores. Mesmo que esse sentido sugira certa equipolência entre os sujeitos que integram o grupo, o índio enunciativo exerce sua liderança de modo assertivo, firme e imperativo, como podemos considerar a partir do indicador de modalidade: “É preciso continuar lutando [...]”. Nessa enunciação, o líder marca a necessidade e até urgência em seguirem a luta para não entregarem suas terras. É sua voz que determina a ação de empreender esse movimento, não a voz do grupo, o que aponta para a pluralidade de sentidos presentes em um enunciado. Trata-se de uma organização social que também possui líderes, vozes que, no interior do grupo, sobressaem-se em relação aos demais.

Passando para a problematização do segundo grupo, cabe a pergunta: como portugueses e espanhóis, enquanto um grupo com interesses na posse do povoado de São Miguel, posicionam-se frente a esses valores enunciados por Sepé? Para formular respostas a

---

<sup>46</sup>Para fins de análise, utilizamos dos recursos de destaque em forma de sublinhado (para apontar o foco da análise em determinado momento da análise) e de itálico para inserir trechos do espetáculo Som e Luz.

essa questão, passemos a compreensão da próxima enunciação, trecho 2, que retomamos: “Esquece que nossos soldados lutam mais pelo salário, ao passo que os Guaranis defendem seus territórios”. Essa enunciação, proferido no *Som e Luz*, pela personagem Joaquim José Viana, Governador de Montevideu, tem na guerra o conteúdo central de seu discurso. A partir disso, o enunciador reitera o comportamento diferenciado dos guaranis, comparando-os com os seus soldados, cuja participação na guerra é mais da ordem do dever, de um imperativo universal (econômico) que deve ser seguido, sem unir-se a unidade de suas vidas singulares, como o fazem os povos indígenas.

Nesse contexto de enunciação, a palavra “território” parece ser bivocal por carregar aqui dois sentidos distintos, com dois contextos de valores: um próprio do centro de valor do enunciador, que é aquele do grupo dos colonizadores (voltado não à preocupação com a “querência”, mas sim com “território”), e outro dos missioneiros (indígenas e jesuítas). Porque é, neste caso, do seu centro de valor, de sua posição social, que Viana escolhe as palavras é que emprega o termo “território” (e não outros, como “querência”) para se referir às terras em jogo. Mesmo que as práticas indígenas não sejam coerentes com o discurso hegemônico de território, o enunciador o emprega por estar em seu horizonte social, integrar a sua prática social. Ainda que entenda a diferença da posição dos indígenas em relação a sua própria, o enunciador permanece empregando uma palavra cujo sentido dominante integra muito mais o horizonte social do seu próprio grupo do que do outro grupo, com quem está em conflito.

Em seu sentido dominante, a noção de território vincula-se a busca de dominação e poder, como destacam os pesquisadores:

O território pode ser considerado como delimitado, construído e desconstruído por relações de poder que envolvem uma gama muito grande de atores que territorializam suas ações com o passar do tempo. No entanto, a delimitação pode não ocorrer de maneira precisa, pode ser irregular e mudar historicamente, bem como acontecer uma diversificação das relações sociais (SAQUET & SILVA, 2008, p. 31-32).

Desse modo, é possível percebermos o quanto a palavra “território” fazia parte do contexto cultural de portugueses e espanhóis que estavam na América em busca de novos territórios e, com isso, de maior poder no contexto mundial. Para o então Governador de Montevideu, assim como para outras autoridades portuguesas e espanholas representadas pelas vozes das personagens, as terras onde estavam os Sete Povos interessavam apenas para os negócios e, por este motivo, foi articulada sua troca. O ponto de vista, naquele enunciado (trecho 2), para abordar os guaranis é de um representante da coroa espanhola. Assim, as terras se acham no contexto valorativo e nas coordenadas espaço-temporais desse sujeito. É desse lugar que ele observa o quanto as práticas do guaranis são diferentes das suas, ainda que use a mesma palavra que integra o seu próprio campo de observação. Não podemos deixar de assinalar a falta como uma estratégia discursiva para construir a polarização entre os grupos: os padres jesuítas, apesar de trabalharem para o Estado por meio de suas “missões”, não são incluídos no grupo que representa o poder estatal, mas sim no grupo de indígenas. Salienta-se, com isso, a filiação entre jesuítas e indígenas.

Com esse item, observamos que as escolhas lexicais apontam para visões de mundo que se encontram, confrontam-se, mas não se fundem umas com as outras. Essas visões de mundo podem ser observados em outras tantas enunciações que compõem o espetáculo. Ainda no sentido de observar a construção de duas visões de mundo que, construídas para se relacionarem como forças contrárias, desejando criar o efeito de sentido homogêneo para os grupos, discutimos, no próximo item, concepções de trabalho. Para delimitar as análises, centramos nossa leitura em enunciados referentes a práticas sociais do missionários.

### 3.2 Trabalho: entre retribuição salarial e dignificação do homem

É possível observarmos que, em relação ao grupo social que representa os interesses econômicos de Portugal e Espanha, predomina o discurso de que o trabalho está relacionado unicamente ao crescimento econômico dessas, então, potências, e ao aumento de seus poderes. Os sujeitos que estão à serviço do Estado, como soldados que participam dos embates, são entendidos como assalariados cujo salário é o pagamento por sua força de trabalho. Como discutimos no item anterior, os soldados que se lançavam à guerra o faziam por pagamento de salários. Essa ideologia de trabalho pode ser escutada nas vozes de vários personagens do espetáculo.

Diferente é a posição social em torno do trabalho dos missioneiros e, sobretudo, dos indígenas dos Sete Povos. O missioneiro Padre Antônio Sepp, considerado o jesuíta fundador do povoado, destaca o trabalho não como meio, mas sim como um fim em si mesmo que traz beleza à vida:

Trecho 3:

*O que os torna assim tão hábeis,  
e lhes traz tanta harmonia,  
é um instinto incomparável de vida e de companhia.  
O trabalho já é um fim:  
realiza-se em si próprio,  
isso transforma o trabalho  
em sempre nova poesia.*

(Missioneiros – fala do Padre Antônio Sepp, sobre o modo de vida no povoado)

Essa enunciação, sendo uma asserção, afirma sem titubear, sem deixar dúvidas, sobre o conteúdo em questão. O uso de verbos no presente não deixa dúvidas sobre o conteúdo da enunciação: O trabalho já é um fim: realiza-se em si próprio, isso transforma o trabalho sempre em nova poesia.” Com essa força da afirmação de uma verdade, cria-se, como efeito de sentido, um certo consenso sobre o trabalho desenvolvido no povoado, que, além de dignificar os índios, não era feito por obrigação, de maneira aborrecida. Percebe-se que o trabalho, conforme essa perspectiva, não visava outro benefício além da ação de trabalhar. Ao comparar o trabalho com poesia, o Padre romantiza a ação de trabalhar e, de certo modo, afirma que o trabalho era bonito, prazeroso e que os índios o exerciam de forma harmoniosa e feliz, ficando satisfeitos por estarem empenhando sua força e seu tempo em determinada atividade. Há um silenciamento da relação entre os padres jesuítas e o empreendimento de dominação dos Estados naquele território dos Sete Povos, que incluía geração de lucros por meio do trabalho indígena. Veicula-se a ideia de que padres jesuítas estão, todos, contra a “coisificação” que Portugal e Espanha fazem de índios, contrapondo-se, portanto, a esses últimos.

Em outros trechos do espetáculo, como na ocasião da enunciação do arquiteto que edificou a catedral, Giovani Primoli, também encontramos o discurso que atribui os valores axiológicos de leveza e beleza ao trabalho:

Trecho 4:

*É preciso que todos saibam como era  
esta minha obra prima, hoje quase toda  
destruída. Dez anos de trabalho contínuo.  
E sempre junto comigo, dispostos e tão bonitos  
cem operários índios.  
Ora, senhores, ouçam menos minhas palavras  
e olhem mais esta rainha.  
Suas linhas ondulantes, dramáticas ou verticais  
obedecem o ritmo de mística ladainha.*

(Giovani Primoli– arquiteto da catedral, sobre a construção da Igreja)

Esse enunciado de Giovani Primoli reforça a concepção de trabalho como um fim e como algo belo, ainda que considere os índios como “operários”. Também é interessante salientarmos que o trabalho é produto da coletividade, unida em prol desse fim, como a ideia presente no enunciado expresso pela Catedral, a Ruína:

Trecho 5:

*Sentimos o cheiro acre de sua luta cotidiana,  
em que homens eram irmãos prá colher e moer o trigo.  
Aspiramos o perfume de um milhão de pães  
na hora das refeições igualmente divididos.*  
(Catedral – Ruína, sobre o trabalho realizado no povoado)

Esse e outros enunciados sugerem que o trabalho era produto da coletividade. No enunciado 4, trata de uma coletividade operária, como sugere o arquiteto português que, servindo à sua coroa, realiza o projeto de edificação da catedral. Já no caso do enunciado 5, observamos a construção da ideia de uma coletividade que realiza o trabalho em irmandade, unida agora por vínculos harmoniosos e amorosos, como indica a carga semântica de “irmãos”.

Antes, de passarmos para as considerações finais deste trabalho, cabe mencionar que toda e qualquer ideologia, inclusive as debatidas no presente estudo, não tem como origem o pensamento individual do sujeito por si mesmo. Elas refletem e refratam modos de pensar dos grupos a que as personagens se vinculam quanto aos conteúdos de seus enunciados. O terreno para a formação e desenvolvimento da consciência são necessariamente as interações sociais. É desse lugar, social e interacional, que as valorações são constituídas, reconfiguradas e alteradas. Como afirmam Bakhtin/Volochínov (2009, p. 34), “a consciência só se torna consciência quando se impregna de conteúdo ideológico (semiótico) e, conseqüentemente, somente no processo de interação social”.

#### 4 Considerações finais

Ao longo deste estudo, entendemos que o espetáculo *Som e Luz* realizado no Sítio Arqueológico São Miguel Arcanjo é um espaço onde circulam diferentes vozes, carregadas com seus sentidos valorativos sobre o mundo. Ao realizar nossa leitura dos enunciados, observamos que o grupo dos missionários, composto por índios e padres, apresenta uma visão de mundo que denota uma relação estreita e afetiva com a terra, enquanto que as coroas portuguesa e espanhola entendem-na como possibilidades de crescimento econômico e aumento de seus poderes nas relações sociais. Essa visões de mundo são materializadas na língua e apontam para um forte jogo de poder entre tais grupos sociais.

Quanto à concepção de trabalho construída no espetáculo, índios e padres enaltecem essa prática social enquanto caminho para realização pessoal sem vinculá-la expressamente a lucros financeiros. A possibilidade que outros podem lucros com seus trabalhos é silenciada no texto em prol da ideia de que trabalho, leve e belo, dignifica o homem e é um fim em si mesmo. Nesse contexto, é construída a ideia que os sujeitos que se empenham no trabalho são felizes e unidos. Essa é valoração social que reveste o comportamento dos índios, nos enunciados analisados. Diferente é o ponto de vista axiológico dos portugueses e espanhóis sobre o trabalho. Relacionada ao campo semântico de crescimento econômico, o trabalho é meio para obter salário, paga-se pela força de trabalho. Essa é concepção que predomina quanto se trata dos soldados que, a mando das coroas, lançam-se nas guerras guaraníticas. A possível aproximação entre os trabalhos realizados por soldados e índios, no sentido de que ambos poderiam gerar lucros para o Estado, não apenas é silenciada no espetáculo, como

também são construídas diversas estratégias para marcar uma profunda diferença entre eles, afastando interpretações de que índios poderiam ser como soldados cujas forças estão a serviço do poder econômico.

Assim, percebemos que, ao longo de espetáculo, são apresentadas diferentes visões de mundo, construídas como dicotômicas, em conflito entre si, porque opostas, sem possibilidades de negociações entre elas. Não se expressa a relação entre elas, que está ligada à política da Igreja e do Estado de dominação, controle dos sujeitos e crescimento econômico. Predomina a ideia de oprimidos (índios e padres) e opressores (coroas portuguesa e espanhola), sem discussão do contexto social mais amplo que os abarca. Por meio destas estratégias discursivas, constrói-se determinadas identidades desses dois grupos, enfatizando, para os espectadores do *Som e Luz*, a grandiosidade dos índios e padres jesuítas, bem como a ganância dos governos portugueses e espanhóis.

## REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. **Questões de literatura e de estética**. 6. ed. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini et al. São Paulo: Hucitec, 2010.
- FAGUNDES, A. A. **História do Rio Grande do Sul** (Uma nova visão da formação da terra e do povo gaúcho). Porto Alegre: Martins Livreiro Editor, 1998.
- FIORIN, J. L. **Linguagem e Ideologia**. São Paulo: Editora Ática, 2003.
- GERALDI, J. W. **Ancoragens – Estudos bakhtinianos**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010a.
- \_\_\_\_\_. Estudar Bakhtin. Apresentação de livro. In: GRUPO DE ESTUDOS DOS GÊNEROS DO DISCURSO – GEGe/UFSCAR. **Pensares bakhtinianos: escritos impertinentes**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010b p. 11-15.
- \_\_\_\_\_. Heterocientificidade nos estudos linguísticos. In: GEGe. **Palavras e contrapalavras: enfrentando questões da metodologia bakhtiniana**. Caderno de Estudos IV Para Iniciantes. São Carlos: Pedro & João Editores, 2012. p. 19-39.
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico estimado para 2017**. Dados referentes ao município de São Miguel das Missões, fornecidos em meio eletrônico. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=431915&search=rio-grande-do-sul%7Csao-miguel-das-missoes>>. Acesso em: 14 mar. 2017.
- NUNES, Z. C. **Dicionário de Regionalismo do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1996.
- PESAVENTO, S. J. **História do Rio Grande do Sul**. 7ª Ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1994.
- SAQUET, M; SILVA, S. S. Milton Santos: concepções de geografia, espaço e território. **Geo UERJ**, Rio de Janeiro, v.2, n.18, p. 24-42, 2008. Disponível em <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/geouerj/article/viewFile/1389/1179>>. Acesso em 10 jun. 2016.
- SIGNES, A. F. Apóstolos divinos ou da coroa: Jesuítas no Brasil e no Paraguai. In: GARCIA, G. B. (Org.). **Perspectivas históricas de uma mesma América**. Disponível em <<http://www.ufrj.br/graduacao/prodocencia/publicacoes/perspectivas-historicas/artigos/11.pdf>>. Acesso em 10 mar. 2017.
- SOUZA, G. T. **Introdução à Teoria do Enunciado Concreto do Círculo Bakhtin / Volochinov / Medvedv**. 2. Ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2002.
- SOM E LUZ COMPLETO**. Ruínas (São Miguel – RS). Plataforma *Youtube*. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=zIBZuDN9oIQ>>. Acesso em 04 abr. 2016.
- GAZANA, H. **Texto do Espetáculo de Som e Luz das ruínas de São Miguel**. Texto de autoria de Henrique Gazana. Direção e Produção: Gerry Marquez. Material cedido pela

Secretaria de Turismo do município de São Miguel das Missões, enviado por meio eletrônico em 21 junho de 2016.

GONÇALVES, J. C. Carmen e seus *affairs*: Teatro, Educação e Bakhtin no contexto universitário. In: Reunião Científica Regional da ANPED. Educação, movimentos sociais e políticas governamentais. 2016, Curitiba, **Anais da XI ANPED Sul**, Curitiba, Editora Setor de Educação da UFPR, 2016, p. 01-11. Disponível em: <[http://www.anpedsul2016.ufpr.br/wp-content/uploads/2015/11/eixo19\\_JEAN-CARLOS-GON%C3%87ALVES.pdf](http://www.anpedsul2016.ufpr.br/wp-content/uploads/2015/11/eixo19_JEAN-CARLOS-GON%C3%87ALVES.pdf)>. Acesso em 09 dez. 2017.

VOLOCHINOV, V. **A construção da enunciação e Outros ensaios**. Organização, tradução e notas de João Wanderley Geraldi. São Carlos: Pedro e João Editores, 2013.

\_\_\_\_\_. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 13ª Ed. Tradução de Michel Lahud & Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec Editora, 2009.

Recebido em 02/08/2017

Aceito em 01/12/2017